

Rm 8,18-25 em perspectiva ecológica*

Rom 8:18-25 in ecological perspective

Maria Nivaneide de Abreu Lima**

Resumo

A preocupação ecológica não está no centro da intencionalidade bíblica. No entanto, enquanto texto fundamental para as tradições judaico-cristãs, a Bíblia pode ser lida sob essa perspectiva. Nosso artigo lê Rm 8,18-25 sob um olhar “ecológico”, ressaltando a relação dos filhos de Deus com a criação, parceiros no sofrimento e aliados na esperança de uma realidade nova. Observando a dimensão cósmica do pecado e o alcance da restauração resultante da ressurreição de Jesus e da ação do Espírito. Rm 8,18-25 é um convite à esperança e à responsabilidade. Inspira cuidado nas relações com os outros e com o mundo, e gratidão ao Criador e Autor da salvação. Implica no reconhecimento de si como parte desse todo destinado à glória que em nós se revelará. Tal perspectiva hermenêutica, além de um alcance ecumênico, repercute no agir dos sujeitos de fé, questionando-os sobre sua resposta ao clamor da criação.

Palavras-chave: Crise ecológica; hermenêutica ecológica; Rm 8,18-25.

Abstract

* Artigo recebido em 18/05/2017 e aprovado para publicação em 12/06/21017.

** Graduada em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, tendo o CNPq como instituição financiadora desta pesquisa, sob orientação do prof. Afonso Tadeu Murad.

Ecological concern is not at the center of biblical intentionality. However, as a fundamental text for Judeo-Christian traditions, the Bible can be read from this perspective. Our article reads Rom 8: 18-25 under an "ecological" look, emphasizing the relationship of the children of God with creation, partners in suffering and allies in the hope of a new reality. Observing the cosmic dimension of sin and the extent of the restoration resulting from the resurrection of Jesus and the action of the Spirit. Rom 8: 18-25 is an invitation to hope and responsibility. It inspires care in relationships with others and with the world, and gratitude to the Creator and Author of salvation. It implies in the recognition of oneself as part of that whole destined for the glory that will be revealed in us. This hermeneutic perspective, beyond an ecumenical reach, has repercussions on the action of the subjects of faith, questioning them about their response to the cry of creation.

Keywords: Ecological crisis; ecological Hermeneutics; Rm 8.18-25.

Introdução

A crise ecológica está no horizonte das inquietações contemporâneas. Preocupações com a mudança climática, a perda da camada de ozônio, a diminuição dos índices de biodiversidade, a escassez de recursos naturais e a poluição do ar e das águas convidam todas as áreas do conhecimento à reflexão. Este diálogo toca a todos e a teologia bíblica não pode se omitir de se pronunciar a respeito.

Esta pesquisa parte da reflexão sobre elementos com os quais a teologia bíblica pode colaborar com a construção de uma consciência planetária e de paradigmas comportamentais ecologicamente corretos. Assim, propomos uma leitura de Rm 8, 18-25, sob um enfoque ecológico. Analisaremos, então, o texto paulino sem a pretensão de deduzir regras de conduta, mas tomando-o como fonte a partir da qual se pode iluminar e abastecer criativamente pensamentos e ações em nossos tempos.

1. Tempos de crises, limites, desafios

Em nossos tempos é relevante e se faz necessário o debate acerca da ecologia, uma vez que o domínio ecológico é o que sustenta os outros domínios. É o domínio que ambienta todas as relações. Reimer refere-se à ecologia como a ciência que estuda a casa enquanto espaço comum de vida,

em suas diversas formas de organização e manifestação, como casa global, cujo destino dependerá das ações de cada habitante¹.

A crise ecológica está aí e só por isso já se impõe como questão a ser pensada pelas inúmeras áreas do conhecimento, ainda mais porque atinge a todos os ecossistemas e compromete a qualidade e a possibilidade de vida de futuras gerações. O planeta Terra está em apuros e a vida ameaçada. Aguirre destaca os três macroproblemas que afetam toda a Terra: a mudança climática, a perda da camada de ozônio e a diminuição dos índices de biodiversidade². Além destes, outros problemas de ordem regional poderiam ser listados aqui, em sua maioria, relacionados com a poluição, podem ser acompanhados nos noticiários com uma frequência alarmante.

As mudanças climáticas são responsáveis por fenômenos que têm provocado catástrofes ambientais, como ondas e furacões, mas também ocasionam o crescimento no número de tempestades, as consequentes enchentes, a perda de plantações inteiras, a desestabilização das espécies vivas do planeta, a proliferação de mosquitos e a propagação de epidemias, a destruição de cidades inteiras e milhares de mortes.

A perda da camada de ozônio, que torna possível a vida no planeta, por absorver a maior parte da radiação ultravioleta, que, atingindo os seres humanos, provoca alergias e câncer de pele, compromete a visão e afeta seu sistema imunológico. Além de reduzir a produção agrícola e causar danos à vida marinha. O buraco na camada de ozônio cresce a cada dia e seus efeitos são cada vez mais perceptíveis.

A diminuição dos índices da biodiversidade deve-se, sobretudo, à interferência humana que altera o habitat natural de animais e vegetais, compromete o equilíbrio ambiental pela extração e o comércio desordenado. Deve-se também à contaminação das águas por resíduos químicos e por esgotos não tratados, que leva ao desaparecimento dos rios e das espécies que deles dependem e ao desequilíbrio que desemboca na proliferação de mosquitos e na propagação de epidemias. Também compromete essa diminuição na diversidade de espécies o desmatamento das florestas, a desertificação e a erosão do solo causada pela intensificação da agricultura. E, por último, a poluição do ar por gases liberados pelas indústrias e automóveis.

Todos esses fatores estão interligados, decorridos de causas antrópicas ou não, põem em risco o destino da humanidade e do planeta como um todo, comprometem a vida e o bem-estar de seres humanos, animais e vegetais. Leonardo Boff³ salienta que tal crise afeta de modo mais intenso os pobres, que não dispõem de uma estrutura financeira para

* graduanda em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, tendo o CNPq como instituição financiadora desta pesquisa, sob orientação do prof. Afonso Tadeu Murad.

¹ REIMER, Haroldo. Sustentabilidade e cuidado. Contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica. *Ciberteologia* (São Paulo. Edição em Português), v. III, 2008, p. 87.

² AGUIRRE, Alirio Cáceres. Entre ecologia e ecosofia: passas para uma hermenêutica ecoteológica. In SUSIN, Luiz Carlos; SANTOS, Joe Marçal G. dos (Orgs.). *Nosso planeta, nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 44-46.

³ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 2004, p. 45-46.

comprar alimentos que encarecem com a perda e redução das plantações, que estão mais expostos às infecções e doenças, uma vez que nem sempre têm acesso à água potável e ao saneamento básico.

2. Uma chave para a leitura

Diante do que expomos, concluímos que a grande contribuição do movimento bíblico à causa ecológica será uma releitura dos textos bíblicos nessa perspectiva, o que ajudará a criar certa sensibilidade para os problemas e desafios.

A hermenêutica está diretamente relacionada aos leitores e intérpretes do texto e de seu lugar existencial e histórico, bem como suas ideias e percepções, seus pressupostos e intenções, que vão de encontro às do autor do texto. Com leitura bíblica não é diferente! O leitor deve, de fato, confrontar-se com a intenção do autor ou da obra, para não cair em uma mera instrumentalização dos textos na sustentação de discursos, contudo, seu ponto de partida é sua realidade e os desafios de seu tempo.

No entanto, há de se estabelecer os critérios para uma abordagem hermenêutica ecológica. Oliveira observa que tal abordagem enfrenta resistências de ambos os lados e defende que é possível aproximar o significado dos contextos contemporâneos e dos textos bíblicos, construindo similaridades. Utiliza, em seu argumento a imagem da “lente”, que aproxima o objeto a partir de um foco particular, ainda que distorça outros. Assim, deve-se levar em conta o estudo histórico e a informação exegética, a tradição teológica e a ciência contemporânea⁴.

Reimer propõe sete passos para essa abordagem⁵: o reconhecimento dos sinais da crise ambiental, sobretudo, os causados pela ação humana; a percepção de si como parte integrante de um todo, de uma rede de relações de produção e consumo; o prevalecimento do cuidado sobre o domínio; uma leitura ecológica dos textos, visto que, na Bíblia, há várias passagens que destacam o cuidado do ser humano com o meio em que vive; a observância dos tempos de pausa (o *shabbat*); a compreensão de que a criação é parte do projeto salvífico de Deus; e, por último, o exercício do cuidado como resposta amorosa, como forma de amar e ser amado.

Ritcher Reimer observa que tal hermenêutica exige que o sujeito interpretante se coloque dentro da complexidade maior do universo criado, que o paradigma antropocêntrico dê lugar à compreensão de que os seres humanos fazem parte de um conjunto maior e que a eles cabe a

⁴ OLIVEIRA, Flávio Martinez. Paulo, hermenêutica e ecologia. Rm 8,18-23; Cl 1,15-20 e Rm 1,18-32. In: *Estudos Bíblicos*. 2013, p. 48-49.

⁵ REIMER, Haroldo. Paz na Criação de Deus – Esperança e Compromisso. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo. v. 51. n. 1. p. 150-155.

responsabilidade com o cuidado desse todo, bem como, a tarefa e o privilégio de refletir sobre tal relação⁶.

Em nosso artigo não pretendemos que a ecologia seja a chave hermenêutica que reconfigure toda a teologia, mas estamos convictos de que atende os desafios de nosso tempo. Como Schneider, estamos convictos de que a teologia comporta uma ética e que é sua tarefa ajudar a encontrar caminhos dentro dos nossos limites existenciais⁷.

3. O ambiente de Rm 8

A comunidade de Roma não foi fundada por Paulo, diferente das outras comunidades às quais escreve. Assim, a Carta aos Romanos deu-lhe oportunidade de se apresentar a uma comunidade que não conhecia pessoalmente, além de elencar seus argumentos de modo ordenado e sistemático e recapitular sua atividade missionária realizada até então⁸. A carta foi escrita antes de sua partida para Jerusalém, onde levaria a coleta (cf. Rm 15,25), em Corinto, entre os anos 55 e 57.

Entre todos os escritos de Paulo, a Carta aos Romanos se distingue por seu conteúdo doutrinal, parece que o apóstolo se abstrai de qualquer motivação circunstancial e histórica, o que costumava ser o ponto de partida e a razão de suas cartas. É o texto mais longo, melhor estruturado do epistolário paulino⁹. Há quem defenda, contudo, que consiste em um escrito ocasional como os outros textos de Paulo. Por outro lado, há quem, como Baur, afirme que Paulo escreve aos judeu-cristãos de Roma, antipaulinos, contra a sua abertura do cristianismo a incircuncisos e defensores de um particularismo judaico¹⁰, a fim de conquistar seu apoio nas dificuldades previstas em Jerusalém. Por outro, há quem defenda, baseando-se em Rm 1, 5-6, que Paulo escreve aos gentio-cristãos.

Vale lembrar que a comunidade cristã de Roma era uma comunidade composta por judeus e gentios, como atestam os nomes que aparecem em Rm 16. E ainda que os capítulos 14 e 15 da carta retratam uma comunidade imersa em tensões e ameaçada por divisões que comprometiam a solidariedade e a fraternidade cristãs. Paulo insiste que “o evangelho é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego” (Rm 1,16)¹¹.

Barbaglio resume precisamente o objetivo e o conteúdo de Romanos.

⁶ RICHTER REIMER, Ivoni. *Criação e Bíblia*. In: BEOZZO, José Oscar (Org.). *Ecologia: Cuidar da Vida e da Integridade da Criação*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 117-118.

⁷ SCHNEIDER, Nélío. Solidariedade no Sofrimento e na Esperança em Busca da Relação Justa entre o Humano e o Criado *coram Deo*. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Mysterium creationis: um olhar interdisciplinar sobre o Universo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 178.

⁸ PILCH, John J. Romanos. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Orgs.). *Comentário bíblico*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 177-192.

⁹ Cf. BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 117.

¹⁰ *Ibidem*, p. 128.

¹¹ Todas as passagens bíblicas citadas neste artigo seguem a tradução da *Bíblia de Jerusalém*.

A carta aos Romanos é quase que um balanço, o seu testamento [...]. Não no sentido de queira resumir e sistematizar o seu pensamento. Não se trata de uma *summa theologica*, mas de uma exposição aprofundada do evangelho, para justificar o alto significado da coleta: a comunhão dos pagãos e judeus na única Igreja de Cristo¹².

A carta aos Romanos pode ser esquematizada da seguinte maneira¹³:

Rm 1, 1-17: Introdução e tese

1, 1-7: Endereço

1, 8-15: Agradecimento

1, 16-17: Tema geral

Rm 1, 18 – 11,35: Seção dogmática – O Evangelho de Paulo

1,18 – 4,25: Pagãos e judeus em dívida universal com Deus e justificados pela fé

5 – 8: A salvação universal por Cristo e suas consequências

9 – 11: A salvação dos judeus

Rm 12,1 – 15,13: Seção exortativa – A vida cristã: orientações práticas

Rm 15,14 – 16,27: Conclusão

A perícope que nos propomos a analisar, Rm 8, 18-25, se seguimos esse esquema, encontra-se na seção chamada dogmática, na qual Paulo estrutura seu evangelho. Especificamente, no bloco em que o amor de Deus está em evidência e a justiça e a justificação ocupam o segundo plano. Nesse bloco, Paulo descreve a experiência cristã como vida nova e em paz com Deus, inaugurada pelo batismo (Rm 6, 3) e concretizada na união com Cristo, pelo dom do Espírito (Rm 8).

Garcia propõe¹⁴ um esquema mais simples, no qual enfatiza que o capítulo 8 de Romanos está no centro da carta, “na dobradiça” entre o primeiro bloco (Rm 1 – 7), cujo tema central é o confronto entre a vida sob

¹² BARBAGLIO, 1991, p. 128.

¹³ *Ibidem*, p. 125.

¹⁴ GARCIA, Paulo Roberto. A Ecologia na perspectiva Neotestamentária. In: CASTRO, Clovis Pinto de (Org.). *Meio Ambiente e Missão: A Responsabilidade Ecológica das Igrejas*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2003, p.57.

a Lei e a vida sob a Graça, e o segundo (Rm 9 – 14), que apresenta a vida sob a Graça, expressa na construção de uma nova relação com o outro: o diferente, os fracos da comunidade e até os inimigos. O grande protagonista dessa mudança, de uma vida debaixo da Lei para uma vida debaixo da Graça, é o Espírito (Rm 8). Já Ritcher Reimer entende Rm 8 como um *midrash* de Gn 1–3¹⁵.

Paulo escreve desde e para uma realidade social, política e religiosa e seus destinatários são pessoas que já aderiram ou que desejam aderir a fé cristã. Sua perspectiva é cristocêntrica, no entanto apresenta como pano de fundo a criação. A proposta do apóstolo, frente à realidade de sofrimento pessoal e global, é a superação desse sofrimento, que se dá pela participação no processo recriador, inaugurado pela ressurreição de Jesus (Rm 8,11).

O capítulo 8 da Carta aos Romanos versa sobre a vida cristã no Espírito. É o ponto culminante do discurso de Paulo. Nele, o apóstolo apresenta uma síntese de seu pensamento, enfatiza a ação salvadora de Deus (vv. 3b. 28-30), que se dá em Jesus Cristo, em sua morte e ressurreição (vv. 1-2. 29. 33. 39), por meio do Espírito vivificador (v. 13), que dá vida nova, liberta da lei e do pecado (v. 2), que habita os cristãos (v. 11), que faz filhos de Deus todos os que por ele se deixam conduzir (v. 14) e, unindo-se a estes, dá testemunho disso (v. 16). E, ainda, vem de encontro à sua fraqueza e intercede por eles (vv. 26-27).

O Espírito é o grande protagonista desse capítulo. Paulo compartilha da concepção dinâmica do Espírito, própria das tradições bíblica e judaica: “força divina que se manifesta na história humana e é criadora daquela plenitude de vida que é própria do futuro prometido por Deus”¹⁶. É o Espírito que leva os fiéis a participarem da vida do Ressuscitado (vv. 9-11).

4. O futuro da criação (Rm 8,18-25)

O trabalho de Schneider¹⁷ foi decisivo para que delimitássemos a perícopes a ser analisada entre os versículos 18 e 25. Contudo, insistimos nessa demarcação por causa do tema da esperança, provocado no v. 18 pela comparação entre o “sofrimento do tempo presente” e “a glória que deverá revelar-se em nós” e, ressaltado no v. 25, pelo convite/constatação da perseverança característica daqueles que esperam o que não veem.

O texto anterior à nossa perícopes, Rm 8, 14-17, insiste na filiação divina daqueles que são conduzidos pelo Espírito e na solidariedade entre Cristo e os crentes: “se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com ele e com ele seremos glorificados” (v. 17). Esse versículo é desdobrado nos posteriores, que

¹⁵ RITCHER REIMER, 2006, p. 139.

¹⁶ BARBAGLIO, 1991, p.239.

¹⁷ SCHNEIDER, 1999.

retomam a situação de sofrimento e da glória, aqui, referentes a Cristo, sua morte e ressurreição, e, posteriormente, aos crentes e a toda a criação. Da mesma forma, a ideia de solidariedade, entre Cristo e os fiéis, acentuada no v. 17, será recobrada em vista dos fiéis e da criação, que compartilham o sofrimento, a salvação e a esperança da glória.

A partir do v. 26, é confirmada a ideia da confiança na glorificação final, uma vez que o próprio Espírito “socorre a nossa fraqueza” e “intercede por nós com gemidos inefáveis” (v. 26), em estreita relação com os gemidos da criação (v. 22) e dos fiéis (v. 23)¹⁸. É a presença do Espírito nessa realidade que fundamenta e sustenta a esperança.

A desproporcional comparação entre “os sofrimentos do tempo presente” e “a glória que deverá revelar-se” (v.18) abre o discurso escatológico que se desenvolverá nos vv. 19-25, que

diferentemente de passagens análogas (cf. 1Ts 4, 3-18; 2Ts 2,2-12; 1Cor 15), não tem origem na urgência de combater perigos ou na necessidade de resolver problemas concretos dos destinatários. Nasce da lógica interna do discurso do apóstolo, que procura apresentar sua profunda interpretação do evangelho cristão aos fiéis de Roma. Foi por isso definido como o vértice da teologia paulina nessa matéria.¹⁹

O objeto da espera está explícito nos versículos 19 e 23-24. No primeiro, no qual o sujeito é a criação, o objeto é “a revelação dos filhos de Deus”. No segundo, os sujeitos são os crentes, o objeto, a redenção dos seus corpos (v. 23), a salvação (v. 24). O que faz toda a diferença, visto que em outros textos paulinos, como em Fil 3, 20, por exemplo, esperava-se, do céu, a vinda de Cristo como Salvador.

Vale observar também a caracterização de tal espera, ansiosa, quase impaciente: a criação “em expectativa anseia” (v. 19), “geme e sofre as dores de parto” (v. 22). Também os crentes aguardam “gemendo interiormente, suspirando” (v. 23), como a criação (v. 19) e como o Espírito (v. 26). Aqui, é significativa a menção às “dores de parto”, que, enquanto dores, não deixam de causar sofrimentos, danos, desconforto, mas anunciam e aguardam uma vida nova. O v. 25 esclarece que se espera por algo que não se vê, mas que tal espera se dá na perseverança ou constância, conceito importante para Paulo (cf. Rm 5, 4; 12, 12; 15, 4; 2Cor 1, 6; 6, 4,12, 12, 1Ts 1,3), que indica a atitude firme do cristão ainda que imerso em dificuldades e provações.

¹⁸ BARBAGLIO, 1991, p. 254.

¹⁹ Idem, p. 252.

Quanto à “manifestação dos filhos de Deus” (v. 19), esperada pela criação, é, para Paulo, realidade que se concretiza na vida das comunidades, a partir do estabelecimento de novas relações introduzidas no cotidiano baseadas no cuidado mútuo, no reconhecimento e na recuperação da solidariedade dos seres humanos, entre si, aos quais é destinada a salvação, “judeus e gregos (1, 16), mas também dos seres humanos com toda a criação.

A criação “submetida à vaidade” (v. 20) espera “ser libertada da escravidão da corrupção” (v.21). Para Ritcher Reimer, a libertação da criação dependerá da “redenção dos nossos corpos”. A autora defende que os corpos de toda a criação, inclusive e principalmente, os das pessoas crentes estão submetidos à corrupção, às injustiças, aos sofrimentos.

A libertação ocorre e se fundamenta na salvação que já se efetivou em Jesus Cristo. Nele, inicia-se uma nova história, uma nova criação. Ele é o conquistador/realizador da nossa redenção/libertação. Os cristãos são chamados a participar da gestação deste novo, a vivenciar esse processo em nossos corpos, vivendo como pessoas justificadas que realizam o projeto de Deus, que comporta justiça e cuidado²⁰, de solidariedade.

No v. 23, os cristãos são apresentados como aqueles que têm as primícias do Espírito, o que comporta a tensão entre o “já e ainda não” da experiência cristã²¹. O Espírito é o constante entre a vida, o tempo presente e o tempo futuro. Nesse sentido, ele sustenta os cristãos na espera pela glória futura, quando se alcançará a plenitude da glória de Deus, inaugurada e antecipada pela ressurreição de Jesus.

Os cristãos, por sua vez, tendo experimentado o já da salvação (v. 23), permanecem firmes na espera (v. 25) da sua realização plena. É essa confiante espera de uma glória parcialmente manifestada que impede que o seu sofrimento desemboque em desespero e, ao mesmo tempo, leva-os a ensaiar já no tempo presente “a liberdade da glória dos filhos de Deus” (v. 21).

5. “Depois disto, que nos resta a dizer?” (Rm 8,31a)

O discurso de Rm 8, 18-25 é marcadamente escatológico, consiste na “análise mais extensa do *corpus* paulino a respeito do futuro da ordem criada”²². O principal propósito da passagem é esclarecer a redenção dos filhos de Deus (Rm 8,23). Todavia há um sinal claro de que Deus se preocupa também com a ordem criada, que foi corrompida e sofre os efeitos da desobediência humana. Assim, podemos concluir que o pensamento paulino é perpassado pela perspectiva escatológica, na qual morte e

²⁰ RITCHER REIMER, 2006, p.141.

²¹ BARBAGLIO, 1991, p. 253.

²² HAWTHORNE, G.F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G.(orgs). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, Paulus, Vida Nova, 2008, p. 476.

ressurreição de Jesus consistem na inauguração de uma realidade nova.

A escatologia incide em outras áreas do pensamento paulino, como a cristologia, a eclesiologia e a ética. E, nesse sentido, partindo dessas áreas, pode dirigir também uma palavra ao debate ecológico.

A escatologia paulina toca sua cristologia, porque é cristocêntrica. Jesus, sua vida, morte e ressurreição, é o ponto de partida, o evento que inaugura uma realidade nova, que chegará à plenitude no tempo futuro, com “a glória que há de se revelar em nós” (Rm 8,18). Toca a eclesiologia, porque, para Paulo, essa realidade nova, a nova criação “não é apenas um discurso, mas é realidade por ele vivida junto às comunidades. Igualmente, não se trata de intelectuais tecerem um novo discurso sobre a criação, mas de viverem outras formas de relações que vão sendo introduzidas no cotidiano, como uma proposta de redenção para todos os corpos”²³. E a ética, pois uma vez que a presença do Espírito nos crentes e na comunidade como um todo pede uma renovação na maneira de pensar e agir (cf. Rm 12,2).

Diante da crise ecológica, os autores falam em um novo paradigma. Tavares reclama a emergência de um novo paradigma ecológico, mediante o qual se organizam as relações conosco mesmos, com as demais pessoas e com a realidade na qual estamos inseridos. Um sistema de pensamento e ação que se contraponha ao atual modelo, tecnocêntrico, mercadológico e midiático²⁴.

Schneider caracteriza o atual modelo como antropocêntrico, egoísta e individualista. Antropocêntrico, porque acredita que todos os bens da criação estão destinados ao bem-estar do ser humano, que tudo foi feito para o seu usufruto. Egoísta porque o leva a um acúmulo de recursos, porque objetiva o restante da criação, o que se reflete também na sua relação com os seus semelhantes. E individualista, porque desconectado do bem-estar comum.

A teologia cristã, segundo o autor, é parcialmente responsável por essa postura, quando assumiu um discurso de redenção exclusivamente individual ou cada vez que acentuou a importância do aspecto interior e espiritual do ser humano em detrimento de seu aspecto físico e corporal, ou ainda ao elaborar uma teologia baseada na atividade humana pondo em evidência aspectos sociais e econômicos, mas desvinculados do universo circundante. Tais equívocos encontram suas raízes na interpretação das fontes cristãs ao serem confrontadas com outras matrizes de pensamento, não nos textos propriamente ditos, uma vez que uma leitura atenta das

²³ RITCHER REIMER, 2006, p.142.

²⁴ TAVARES, Sinivaldo Silva. *A emergência do paradigma ecológico no mundo da Tecnociência e do Mercado*. Seminário ministrado no VIII SIMPÓSIO NACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO DA FAJE, realizado nos dias 24 a 26 de outubro de 2012. Disponível em www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/011112-EZJ2IILARBUV.doc. Acesso em 8 de março de 2016.

tradições bíblicas e históricas poderá gerar nos leitores uma nova forma de pensar e agir²⁵.

Ora, uma leitura atenta e comprometida do texto de Rm 8,18-25, pode desembocar na superação dessa postura antropocêntrica, egoísta e individualista, pois leva em conta a dimensão integral da renovação da realidade, incluindo toda a criação no projeto de libertação de Deus. A diligência de Deus para com a criação expressa nessa perícopa, a ponto de que ela possa ser libertada “da escravidão da corrupção para entrar na glória e na liberdade da glória dos filhos de Deus” (v. 21), deve também orientar nossas atitudes em relação a ela. Deve despertar em nós uma atitude de ternura e cuidado, postura que nos revela como filhos de Deus (v. 19).

O texto enfatiza também a solidariedade entre criação e humanidade, no sofrimento causado pelo pecado humano e na esperança da libertação, e a consciência de que a criação é parte do projeto de salvação de Deus, do qual o ser humano é integrante. E, nesse sentido, o exercício do cuidado para consigo, com os outros e com a realidade circundante é resposta amorosa ao Deus que se revela. A criação, vale ressaltar, para a tradição judaico-cristã, não se restringe à natureza, como especifica e resume Francisco em sua *Laudato Si*, “tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado”²⁶, só pode ser concebida como um dom do Pai, como realidade iluminada pelo amor que nos chama à comunhão.

A encíclica do Papa sobre o cuidado da casa comum, destinada a todas as pessoas de boa vontade, dedica o segundo capítulo, *O Evangelho da Criação*, à releitura das narrações bíblicas, a fim de mostrar aos cristãos e aos não-cristãos a responsabilidade do ser humano diante da criação, dos “irmãos e irmãs mais frágeis”²⁷ e do meio ambiente, as convicções de fé que motivam o cuidado com a natureza e com os mais frágeis e do meio ambiente, “patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos”²⁸.

O Evangelho da Criação tem sua palavra definitiva em Jesus, que “retoma a fé no Deus criador e destaca um dado fundamental: Deus é Pai (cf. Mt 11,25)”²⁹ terno, atento e amoroso. Jesus, como o Pai, olhava a criação com ternura e admiração. Relacionava-se com ela de forma harmoniosa. Ressuscitado, faz-se presente em toda a criação, envolvendo-a misteriosamente e guiando-a para um destino de plenitude³⁰.

²⁵ SCHNEIDER, 1999, p. 178-179.

²⁶ *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 76. A partir de agora citada LS.

²⁷ LS, n. 64.

²⁸ LS, n. 95.

²⁹ LS, n. 96.

³⁰ LS, n. 100.

Conclusão

A preocupação ecológica não está no centro da intencionalidade bíblica. No entanto, enquanto texto fundamental para as tradições judaico-cristãs, a Bíblia pode ser lida sob essa perspectiva. Tal hermenêutica é marcadamente ecumênica, supera uma compreensão fragmentada da vida, suscita sensibilidade aos apelos dos pobres e da natureza e cuidado com realidade que nos circunda. Deve ressoar em nossa espiritualidade e encontrar lugar em nossas catequeses. E, conseqüentemente, fomentar atitudes, pessoais e coletivas, coerentes com as convicções da fé cristã.

A leitura de Rm 8,18-25, sob um enfoque ecológico, desperta esperança e responsabilidade, que levam ao cuidado nas relações com os outros e com o mundo, e gratidão ao Criador e Autor da salvação. Da mesma forma, provoca no ser humano o reconhecimento de si como parte do todo destinado à glória. A ele, cabe responder com gratidão a Deus pelo dom da libertação, e com solidariedade em relação à criação na qual está inserido.

Referências

- AGUIRRE, Alirio Cáceres. Entre ecologia e ecosofia: passas para uma hermenêutica ecoteológica. In: SUSIN, Luiz Carlos; SANTOS, Joe Marçal G. dos. *Nosso planeta, nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1991.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 2004.
- Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- HAWTHORNE, G.F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Loyola, Paulus, Vida Nova, 2008.
- OLIVEIRA, Flávio Martinez. Paulo, hermenêutica e ecologia. Rm 8,18-23; Cl 1,15-20 e Rm 1,18-32. In: *Estudos Bíblicos*, p. 43-73, 2013.
- PILCH, John J. Romanos. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Orgs.). *Comentário bíblico*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 177-192.
- REIMER, Haroldo. Paz na Criação de Deus – Esperança e Compromisso. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo. v. 51. n. 1. p. 138-156. jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.est.edu.br/periodicos>.

REIMER, Haroldo. Sustentabilidade e cuidado. Contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica. *Ciberteologia* (São Paulo. Edição em Português), v. III, 2008, p. 85-95.

RICHTER REIMER, Ivoni. Criação e Bíblia. In: BEOZZO, José Oscar (Org.). *Ecologia: Cuidar da Vida e da Integridade da Criação*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 115-150.

SCHNEIDER, Nélío. Solidariedade no Sofrimento e na Esperança em Busca da Relação Justa entre o Humano e o Criado *coram Deo*. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). *Mysterium creationis: um olhar interdisciplinar sobre o Universo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 177-186.

TAVARES, Sinivaldo Silva. *A emergência do paradigma ecológico no mundo da Tecnociência e do Mercado*. Seminário ministrado no VIII SIMPÓSIO NACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO DA FAJE, realizado nos dias 24 a 26 de outubro de 2012. Disponível